

A (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LÍNGUA INGLESA

Sandra Maria Araújo Dias
UFERSA - Campus Caraúbas
sandra.dias@ufersa.edu.br
Maria Isabela Tavares de Freitas
UFERSA – Campus Caraúbas
belatavares@live.com

Introdução

O interesse pela formação de professores tem fomentado o desenvolvimento de diversas pesquisas na interface da Educação e da Linguística Aplicada (LA). Situada nessa interface, esta pesquisa tem como objetivo principal investigar como ocorre o processo de (re)construção da identidade do professor de língua inglesa, a partir da produção de um relato fotobiográfico.

Segundo Carrolo (1973), o reconhecimento da competência de cada ser pelo outro (identidade atribuída por outrem), associado ao conceito que cada ser faz dessa competência (identidade para si) constituem a base do processo de construção da identidade profissional. Baseado nesse entendimento, o referido autor explica que diferentemente das demais profissões, a característica fundamental da prática profissional do professor encontra-se não no agir instrumental, mas no agir comunicacional. É o agir comunicacional que possibilita a ação e a comunicação entre os indivíduos numa relação global e completa. Desse modo, o referido autor defende que ser professor é uma “atividade complexa cuja finalidade é a produção de “estados de espíritos” e a modificação de mentalidades e comportamento de pessoas, cujas características relevam do agir comunicacional (op.cit., p. 46)”.

Carrolo (1993) postula três categorias de análise para investigar a (re)construção da identidade docente, a saber: *esfera objetiva*, que está relacionado ao sentimento de pertença e de referência a um grupo profissional, ou seja, da configuração identitária (dimensão teórica específica e pedagógica do processo de formação, função e desempenho profissional); *esfera subjetiva*, que se refere a aquisição da identidade profissional considerando vivência do trajeto socioprofissional (construção da identidade para si); e *esfera social*, que diz respeito ao reconhecimento da identidade pelos outros (múltiplos papéis do professor) no

contexto da ação da formação dos profissionais. Insisto, portanto, que o curso de formação inicial de professores de línguas e as aprendizagens advindas de componentes curriculares como o Estágio Supervisionado (ES), experiências e vivências dentro do meio acadêmico e de outros contextos - a escola, por exemplo - auxiliam na (re)construção da identidade do professor.

Metodologia

Em virtude da extensão desse artigo, esta pesquisa tem como participante uma PI, Cibele (nome fictício), regularmente matriculada na disciplina de Estágio Supervisionado em Língua Inglesa II, de uma instituição pública de ensino superior, localizada no nordeste brasileiro. Selecionamos, aleatoriamente, um relato fotobiográfico, elaborado por Cibele (nome fictício).

A PI produziu o relato fotobiográfico a partir de três etapas, a saber: 1) elaboração, em casa, de uma fotobiografia (elaborada com fotos antigas); 2) exposição oral individual dessa fotobiografia - realizada em sala de aula -, focalizando a história de vida de cada docente, com intuito de demonstrar o entrecruzamento entre a história individual e a do coletivo e sublinhando semelhanças e diferenças entre as histórias de cada professor; 3) produção do relato fotobiográfico propriamente dito, - resultante da referida exposição, com ênfase na história de vida, a qual foi pensada para produzir efeito reflexivo sobre a formação da professora Iniciante (PI).

Resultados e discussão

A esfera social é compreendida mediante o reconhecimento da identidade profissional dos outros. Neste caso, os exemplos apontam para elementos que permitem identificar outro papel social do professor no contexto do sistema de ação e de formação profissional, como ilustra o seguinte exemplo:

Eu iniciei a educação infantil quando tinha 3 anos. Eu decidi iniciar a descrição de minha vida escolar, com a foto da minha primeira professora na vida. Ela se chama Maria, e eu era acostumada a chamá-la de biscoito de chocolate. Ela é minha amiga atualmente, e eu estou orgulhosa de dizer que ela foi a minha primeira professora, e agora amiga. Ela me ensinou na minha primeira escola, Escola B de Ceilândia, a cidade que eu morei por treze anos antes de me mudar para Campina Grande.

Nessa esfera, a construção da história autobiográfica vale-se da memória de um passado distante, o que provavelmente leva a PI a se balizar pelos significados dos eventos, pessoas e lugares que foram sendo, inúmeras vezes, reconstruídas cognitivamente e afetivamente ao longo de seu processo de formação. Assim, a *experiência emocional* (VYGOTSKY, 1994) assume uma dimensão especialmente relevante no relato interativo, pois o distanciamento dos fatos contados acarreta reconstruções que impactarão a identidade da professora iniciante - agora norteado por parâmetros sistematizados.

No fragmento subsequente, percebe-se que o desejo de uma atuação como docente em um mundo hipotético é outro modo de construir as identificações profissionais. Nesse caso, o uso dos verbos modais como *poderia*, *deveria* e *pode* aparecem no fragmento analisado para construir esse mundo no qual, no entanto, pode haver restrições quanto ao valor de verdade das asseverações: embora a PI afirme que o papel do relato como *gênero catalisador* se aplique a todos os professores, o emprego do modal “*irá*” aponta para uma possibilidade/probabilidade. Cibele, então, faz uma conjectura sobre essa possibilidade de uso em alguns contextos. Isso só foi possível, porque ao entrar no *espaço narrativo tridimensional*, a PI aprende novas formas de ver o mundo e a realidade.

Eu pude lembrar meus ex professores de inglês, e através disso eu pude me imaginar como uma professora. Agora eu sei que deveria ser mais cautelosa com minhas atitudes em sala de aula, porque estarei na lembrança das pessoas por um longo período. Eu não quero que meus alunos se lembrem de mim como a “megera” na escola, mas eu sei que preciso ganhar o respeito deles para ser lembrada como uma boa professora.

Examinando mais detidamente o fragmento anterior, percebe-se que o contar de histórias funciona, no contexto de formação docente, como uma maneira da professora iniciante demarcar e firmar identidades profissionais junto a ela (a professora iniciante) e, sobretudo, para si própria, se projetando e se confrontando com os outros. Curiosamente, ao relatar suas experiências enquanto aprendiz de uma LE, Cibele enfatiza as escolas e o modo de agir de *seus ex-professores* para justificar suas escolhas profissionais. As histórias sobre os outros são também histórias sobre o agente-produtor e que as histórias que se contam na escola e/ou academia tem um papel fundamental na construção de quem somos (como professores) ao se defrontarem com as histórias que se contam na família. Sendo

assim, entendo que por meio de contar/viver histórias, a identidade da PI se (re)constrói. Isso pode ser atestado no fragmento a seguir:

Através desse relato fotobiográfico eu pude ver como a escola propriamente dita se reflete na vida dos alunos, a maioria das lembranças de minha infância são relacionadas com a época da educação infantil. Nós pudemos lembrar como a escola era organizada e como o professor agia enquanto estava em sala de aula. Eu pude ver como um professor é refletido na vida do aluno, como nós, alunos somos influenciados por seus modos de ensinar e crenças. E por último, eu pude notar que um professor, por pior que seja, é guardado na lembrança dos alunos.

No exemplo acima, a PI faz uma auto-reflexão sobre o relato fotobiográfico e constrói, com isso, a imagem de sua vida escolar e, de certo modo, acadêmica e profissional, trazendo indícios de *capacidades mentais* e *comportamentais* de seus professores. Esse exemplo também expressa a orquestração de sentimentos que mostra a individualidade da PI sendo construída não só com base na sua experiência como aluna, mas também na percepção sinestésica de si e do contexto no qual está inserida. Ainda em relação ao fragmento anterior, a mudança do *eu*-profissional é referente a uma atividade vivida por ela que lhe dá força para viver sua vida profissional de modo diferente, do experienciado como aluna, nos contextos visualizados e valorizados por ela, a partir de sua vivência como PI - professora em (trans)formação.

Conclusão

Este estudo investigou o processo de (re)construção da identidade do professor de língua inglesa no Estágio Supervisionado I e II de um curso de Letras- Inglês. Os fragmentos aqui analisados demonstram que no processo (re)construção identitária coexistem realidades e ideologias. Quando isso ocorre é porque diversas vozes “ecoam nos signos e neles coexistem contradições ideológico-sociais entre o passado e o presente, entre as várias épocas do passado, entre os vários grupos do presente, entre os futuros possíveis e contraditórios” (MIOLLETO apud BRAIT, 2005, p. 172). Ao ingressar no curso de Letras-Inglês, particularmente, ao entrar na disciplina de Estágio Supervisionado, a PI começa a mudar seu modo de ver e a mudar seu foco de atenção: passa a considerar, além de seu *eu-pessoal*, a projeção de sua futura vida profissional. Portanto, ao entrar em contato com diversas atividades, relacionadas com o ensino, a PI passa a valorizar novas formas de fazer,

novos *estilos profissionais*. virtual de reflexão sobre o agir e a própria formação, que podem incidir na (re)construção da identidade profissional docente. Como bem pontua Holland et al (1998, p.16) “o processo [de construção identitária] é composto de mudança contínua lenta, às vezes caprichosa. A história-em-pessoa colide com combinações de circunstâncias que são, em grau, precedentes ou não precedentes”. A contradição e a certeza coexistem no *eu* do professor. .

Assim, defendo que o estágio é o campo de aprendizagem da profissão na formação inicial, pois promove “a presença do aluno estagiário no cotidiano da escola, abre espaço para a realidade e para a vida e para o trabalho do professor na sociedade” (PIMENTA e LIMA, 2010, p. 68). Deste modo, o PI não deve assumir um papel de observador passivo, de um mero transmissor de conhecimentos, que ministra algumas aulas para ser avaliado e elaborar relatórios que ficam arquivados e esquecidos em prateleiras da biblioteca do curso de formação docente. Trata-se, portanto, de repensar o estágio supervisionado nos cursos de formação de professores de línguas estrangeiras, no caso desta pesquisa, como um projeto de (auto)formação ou retomando as palavras de Nóvoa (1997), como um processo de *formar e formar-se*, através da elaboração de relatos fotobiográficos. Esses relatos, portanto, evidenciam-se como um espaço-tempo para viver e contar as histórias de professores, bem como um *locus* físico ou virtual de reflexão sobre o agir e a própria formação, que podem incidir na (re)construção da identidade profissional docente.

Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003/[1992].
- BRAIT, B. **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.
- CARROLO, C. Formação e identidade profissional dos professores. In: ESTRELA, M. T.. **Viver e construir a profissão docente**. Porto: Porto, 1973, p. 21-50.
- HOLLAND, D.; LACHICOTTE Jr., W.; SKINNER, D.; CAIN, C.. **Identity and agency in cultural worlds**. Cambridge, Mass: Haverd University Press, 1998.
- PIMENTA; S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 5 e.d. São Paulo: Cortez, 2010.
- NÓVOA, A. **Os professores e sua formação**. Lisboa-Portugal: Dom Quixote, 1997.
- YVOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.